

**Por uma Arqueogenealogia dos Estudos Discursivos
Foucaultianos no Brasil - Cartografias:
Entrevista com Maria do Rosario Gregolin**

*For an Archeogenealogy of Foucaultian
Discursive Studies in Brazil - Cartographies:
Interview with Maria do Rosario Gregolin*

Pedro Navarro
Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

Vanice Sargentini
Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil

MARIA DO ROSARIO GREGOLIN é Livre-docente em Análise do Discurso pela UNESP-Araraquara (2008); Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP, Ar, 1988), Mestre em Teoria e História Literária (UNICAMP, 1983). Docente aposentada, colaboradora do Departamento de Linguística, da UNESP-Araraquara. Foi coordenadora acadêmica do DINTER UNESP/UFMA (2005-2010) e Coordenadora do PROCAD UNESP/UFAC (2005-2014), ambos financiados pela CAPES. Orientadora de doutorado, mestrado e iniciação científica e supervisora de pós-doutorado na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística. Bolsista de PQ-CNPQ, com projeto na área de Análise do Discurso. Entre as publicações destacam-se os livros "Foucault e Pêcheux na análise do discurso - diálogos e duelos" e "Discurso e mídia - a cultura do espetáculo".



Gostaríamos de ter tido essa conversa no apartamento da Rosario, na Avenida XV de Novembro, em Araraquara, SP, onde toda essa aventura teve início. Lá nos reuníamos para discutir os textos de Michel Foucault, mas também para brindarmos o sabor/saber que nos movia. Para lá todos iam, orientandos oficiais ou não. A gente podia ir chegando, arrumando um cantinho, e, se fosse preciso ficar um tempo maior, sentíamos-nos acolhidos pela simpatia e pela gentileza de alguém que sempre compartilhou suas leituras, seus livros, enfim, um projeto de felicidade para além do tempo e do espaço acadêmicos e que está em pleno desenvolvimento até hoje.

Vanice Sargentini e Pedro Navarro (VS e PN): *Iniciaremos esta entrevista falando da palavra que mais te envolveu em seus 40 anos de professora e pesquisadora: discurso! Explique-nos como foi essa sua história que passa por leituras aprofundadas e pesquisas em diversas concepções de discurso. Em seu mestrado, você trabalhou com a literatura fantástica de Murilo Rubião, como isso ressoou em pesquisas seguintes? Tua tese de doutorado se faz no momento da emergência da noção de discurso no Brasil, e no teu caso já foi possível reconhecer diferentes concepções desta noção?*

Maria do Rosario Gregolin (MRG): Michel de Certeau, grande historiador, disse, certa vez, que a História é um lugar instável. Quando tentamos escrevê-la, nosso esforço vai no sentido de dar-lhe coerência, tranquilizando seus conflitos e contradições, mas ela, a História, é sempre feita mais de acasos do que de solos estáveis, de harmonias. Então, acatando essa ideia do historiador de Certeau, ao narrar minha história com o discurso (que não deixa de ser uma história da análise do discurso no Brasil) não quero obliterar essa natureza mais arbitrária do que objetiva da escrita da história. Com essa precaução, para narrar o momento do meu mestrado em Teoria Literária na Unicamp, preciso voltar ao início dos anos 1980 com tudo o que acontecia naquele momento, tanto no campo da política quanto no das ciências, que são - obviamente - inseparáveis. Vivíamos a abertura política, depois de décadas de regime autoritário e a palavra de ordem era *reconstrução*. Era preciso refazer: a política democrática e o campo das ciências humanas que vivera sob pesada censura durante a ditadura. Foi nesse clima que eu ingressei no mestrado. Minha orientadora, Suzi Frankl Sperber - grande conhecedora de teoria literária e leitora sensível de Guimarães Rosa - me encaminhou para leituras em

teoria da narrativa cujos autores tratavam de *discurso literário*: Roland Barthes, Umberto Eco, Claude Bremond, Julia Kristeva... lembro-me muito fortemente de dois trabalhos de Tzvetan Todorov que contribuíram muito para minhas reflexões sobre a literatura fantástica de Murilo Rubião: *Gêneros do Discurso* (publicado em 1980 pela Martins Fontes) e *O princípio dialógico* (publicado na França em 1981). Nesses dois trabalhos de Todorov há uma densa discussão sobre o discurso literário, pautada nas reflexões de Mikhail Bakhtin. O que eu quero dizer é: comecei a me interessar pelo conceito de discurso pela via dos estudos literários porque ali, nessa época, a problemática da linguagem estava no centro das atenções. A emergência do conceito de discurso já tinha uma história na França. Hoje podemos ler essa história no excelente texto de Puesch (2011), no qual ele mostra que desde os anos 1950, com e contra Saussure, já se discutia a centralidade do discurso para o campo das ciências humanas. Ao mesmo tempo, nessa mesma época dos anos 1980, eu cursei duas disciplinas fundamentais oferecidas pelo programa de pós-graduação em Linguística da Unicamp, sobre "análise do discurso": a primeira, oferecida pelo professor Haquira Osakabe e a segunda pela professora Eni Orlandi. O professor Osakabe acabara de publicar o livro resultado de sua tese, *Argumentação e Discurso Político* (editora Kairós), essencial para compreender a problemática da linguagem na produção de sentidos. É um trabalho muito inovador tanto do ponto de vista teórico e metodológico quanto do analítico. Nele, o pesquisador que estudara em Besançon (grande centro de estudos do discurso político) faz uma crítica muito pertinente ao *método automático* de análise do discurso proposto por Michel Pêcheux; essa crítica o leva a propor as bases de uma "nova retórica" para análise do discurso político e ele aplica essa metodologia na análise de discursos de Getúlio Vargas. Em sua disciplina, Osakabe discutiu esse seu trabalho e nos indicou muitas leituras sobre Análise do Discurso francesa e Retórica. A segunda disciplina, ministrada pela professora Eni Orlandi, plantava as bases da análise de discurso pecheutiana no Brasil, discutindo centralmente as balizas marxistas (ou, mais precisamente, marxistas-althusserianas) das propostas de Michel Pêcheux. Foi um momento de intensas leituras de textos de pesquisadores do entorno althusseriano, principalmente a primeira parte do livro de Pêcheux, *Analyse Automatique du discours* (Editora Dunod, 1969). Eu tinha já aí, diante dos meus olhos, algumas contradições. Não que eu as compreendesse intensamente mas percebia a tensão entre diferentes pontos de vista sobre o mesmo objeto discurso. A AD

pecheutiana equilibrava-se entre um método estrutural derivado das propostas de Harris (1952) e uma teoria semântica derivada da leitura althusseriana de Marx. Portanto, era uma análise do discurso suspensa no fio entre uma teoria da linguística formal e uma teoria marxista das ideologias e, no seu entremeio, a leitura lacaniana de Freud. Essa contradição não está materializada no resultado de minha dissertação de mestrado, defendida em 1983 (GREGOLIN, 1983), mas ressoou fortemente nas minhas pesquisas futuras. Isso me leva para o segundo momento de minha formação, o doutorado, e para um dos acasos felizes dessa história. Por motivos pessoais, eu havia me mudado de Campinas para São Carlos e essa mudança me levou ao campus da Unesp em Araraquara, cidade muito próxima. Eu já me decidira a continuar minhas pesquisas sobre a linguagem e o discurso e em Araraquara, no programa de pós-graduação em Linguística, eu encontrei o professor José Luiz Fiorin que se tornaria meu orientador. Na verdade, eu ingressei no doutorado em 1984 e só vim a conhecê-lo pessoalmente um ano depois porque ele estava no exterior - a orientação nesse período foi feita por meio de cartas enviadas e recebidas... Fui a primeira orientanda do professor Fiorin e o que eu aprendi com ele procurei levar para toda a minha vida acadêmica posterior, principalmente a atitude ética e o rigor científico. Ele me trouxe mais uma perspectiva por meio da qual se pode analisar discursos: o projeto semiótico greimasiano, entretanto, nunca me impôs a *verdade* dessa proposta teórica. Ao contrário, com ele aprendi que as teorias são pousos provisórios, são mirantes para que possamos enxergar - transitoriamente - nossos objetos. Além disso, as pesquisas de Fiorin, já nessa época, problematizavam o modelo *standard* da semiótica de Greimas na medida em que ele se concentrava no plano discursivo por meio de uma Sociossemiótica com bases marxistas. Não nos esqueçamos de que Fiorin (1989) escreveu, nesse período, o seu livro *Elementos de Análise do Discurso*, um manual clássico de sociossemiótica discursiva. Eu tinha aí, de novo, o embate entre um método formal (o percurso gerativo do sentido, de base estrutural) e uma teoria social (de base marxista). Buscando articular esses tensionamentos, minha tese de doutorado, defendida em 1988, traz discussões sobre essas dificuldades da análise do discurso, seja ela a chamada “AD francesa”, seja ela a “AD semótica greimasiana” (GREGOLIN, 1988)...

VS e PN: *Essa sua afirmação nos leva à nossa segunda pergunta: até final dos anos 1990, havia, no Brasil, pelo menos, duas formas de se analisar discursos com forte*

predomínio no cenário acadêmico de então, a *Semiótica greimasiana* e a *Análise de Discurso francesa*. Você, conjuntamente com um grupo de pós-graduandos, iniciou outra possibilidade de leitura da sociedade, tendo como norte a fase arqueológica dos estudos feitos por Michel Foucault. Gostaríamos de saber como se deu esse início e como você avalia essa descontinuidade histórica nos domínios da linguagem hoje.

MRG: Para pensar sobre a emergência de Michel Foucault nas minhas reflexões, preciso voltar, novamente, a leituras do entorno de Michel Pêcheux que eu fizera durante o mestrado na Unicamp, tanto na disciplina ministrada por Haquira Osakabe quanto na de Eni Orlandi. A leitura desses textos do chamado grupo althusseriano sempre deixava algo como uma falta, uma figura construída como adversário estimulante, um espectro. Era Michel Foucault. No mesmo ano de 1969, foram publicados dois livros sagitais para a análise do discurso francesa: *Analyse Automatique du Discours* (Michel Pêcheux) e *L'Archeologie du Savoir* (Michel Foucault). Entre eles, havia convergências e divergências (teóricas, metodológicas, políticas) que não eram visíveis para mim naquele início dos anos 1980, mas que já me inquietavam. Durante meu doutorado, frequentei muito a biblioteca da FCL-UNESP de Araraquara, maravilhosa, num tempo em que tínhamos acesso aos acervos (sem computador, sem internet) e era preciso fazer resumos manuscritos, copiar trechos que seriam inseridos em nossos trabalhos etc. Eram longos serões no meio de livros e revistas. Encontrei ali materiais raros, como a primeira edição do *Analyse Automatique ...* de Pêcheux e coleções de revistas francesas como *Langages*, *Esprit*, *Cahiers du Cinema* etc. Na coleção da *Langages* (eu li quase todas as edições dos anos 1980), encontrei um texto que foi determinante para que eu começasse a compreender o lugar de Michel Foucault nesse coro dissonante da AD francesa: a clássica tese de Jean-Jacques Courtine sobre o discurso comunista endereçado aos cristãos, traduzido no Brasil só em 2009 (COURTINE, 2009). Nesse clássico número 62 da *Langages* (1981), o trabalho de Courtine é prefaciado por Michel Pêcheux, no também clássico texto *L'étrange miroir de l'analyse de discours*, uma contundente autocrítica aos trabalhos de analistas do discurso que, sendo comunistas analisam o discurso comunista numa espécie de estranhos espelhos. Como afirma Pêcheux nesse prefácio, Courtine está numa situação desconfortável, tanto teórica quanto politicamente, já que ele mostra as contradições dos enunciados divididos do discurso comunista. Para mim foi como se

algumas luzes se acendessem e algumas coisas passassem a ficar iluminadas. Primeira luz: pela primeira vez, eu lia um texto de Michel Pêcheux em que ele parecia não ter só certezas (talvez eu tenha me enganado nas minhas leituras anteriores, mas ele parecia sempre tão certo daquilo que afirmava...) em relação aos trabalhos da AD francesa; era um Pêcheux nos conclamando a "partir os espelhos"! Segunda e tão importante quanto a primeira luz: Courtine trazia as propostas de Michel Foucault para o centro da AD francesa. Era a partir dele e da *Arqueologia do Saber* que Courtine discutia o conceito de enunciado, de formação discursiva, de memória discursiva... e abria para mim a possibilidade de pensar em uma "análise do discurso" com Michel Foucault. Entretanto, era apenas um vislumbre, minhas leituras de Foucault e de Pêcheux eram ainda incipientes e foi assim que apareceram no texto da minha tese de doutorado, em 1988. Foi preciso caminhar muito, depois do doutorado, para que algo começasse realmente a fazer sentido. Foram inúmeras leituras, durante a década de 1990 até chegar o momento de desconstruí-las para reorganizá-las. Para *derrubar as leituras das prateleiras...* permitam-me citar um texto que eu escrevi para o grupo de pesquisa em 2000, espécie de balanço das leituras daquele ano: "é preciso derrubar as leituras das prateleiras, à moda dos estabelecimentos comerciais – como meu pai fazia quando eu era criança. Lembrome que a sua loja de calçados era, literalmente, desconstruída durante o feriado do final de ano: eu ficava olhando aquelas caixas coloridas, deslocadas das prateleiras onde jaziam em uma ordem rigorosa durante o ano todo, espalhadas pela loja... Derrubava-se a ordem implacável das prateleiras, suspendendo, momentaneamente, a lógica que as regia. Essa cena da desordem ficou fixada em minha memória, como um encrave. Já a ordem a que – logo depois do balanço - as caixas teriam que se sujeitar, dela não me ficou qualquer lembrança." (GREGOLIN, 2014). Foi assim, na tentativa de derrubar muitas leituras das prateleiras, que, no final dos anos 1990, iniciou-se a constituição do Grupo de Estudos em Análise do Discurso de Araraquara, o GEADA-UNESP, coordenado por mim e constituído por meus orientandos formais e informais. Posso afirmar, hoje, que começamos poeticamente, lendo o trabalho de Foucault (1968) sobre Magritte, mas logo impôs-se o desejo de "compreender Foucault" ou, mais modestamente, o de "compreender o lugar de Michel Foucault na AD francesa". O primeiro desejo logo mostrou-se impossível. Quanto ao segundo, penso que dedicamos vários anos a essa questão de Foucault e a análise do discurso francesa. Num primeiro momento, o GEADA

pensava ler toda a obra de Foucault, cronologicamente, passando da arqueologia à genealogia do poder e, em seguida, à genealogia da ética. Um projeto de vida, certamente, já que a obra de Foucault é imensa, é preciso muito tempo para ler integralmente e o tempo do doutorado e do mestrado é o cronológico, curto, fugaz... Assim, percebemos que precisávamos ficar – num primeiro momento – na fase arqueológica de Foucault, momento em que ele, mais fortemente, teorizou as questões sobre o discurso e a história. Essa certeza veio do fato de que para nós, "analistas do discurso", a leitura de Foucault se faz pela lente da linguagem. Perseguimos, em Foucault, as suas ideias sobre o discurso, o sentido, a História. Era preciso ler e reler *A Arqueologia do Saber*, mas para compreender esse livro metodológico era preciso ler os livros anteriores (*A História da Loucura*, *O nascimento da Clínica* e *As palavras e as Coisas*). Não se compreende a *Arqueologia* em uma primeira leitura; é preciso reler, articular com os trabalhos anteriores até que se compreenda, no mínimo, porque ele constrói uma maquinaria sofisticada para a análise de discursos (que ele chama de "método arqueológico"). No caso da nossa leitura dentro do Geada - já que o objetivo era compreender o lugar de Foucault na AD francesa - além de entender sua proposta de "análise do discurso" era preciso compreender também as relações com os trabalhos de Michel Pêcheux. Por isso, nos primeiros anos, nossas leituras são atravessadas por esse tensionamento entre Pêcheux e Foucault; foi necessário construir esse lugar de diálogo pois ele ainda não existia no Brasil. Isso exigiu (em paralelo à leitura dos textos de Foucault) que fizéssemos um constante retorno aos textos de Michel Pêcheux, aos seus embates com Foucault no campo da leitura marxista - pela lente de Althusser - às suas recusas à leitura de um "marxista paralelo" e, finalmente, sua aproximação das ideias foucaultianas na "terceira época da AD" (via Courtine). No caso de Pêcheux, o próprio estabelecimento de seus textos foi um processo difícil para nós pois a tradução e a circulação no Brasil não seguiram uma linha cronológica. Muitos de seus textos continuam inéditos até hoje, tanto na França quanto no Brasil, então foi preciso uma busca presencial em bibliotecas brasileiras e francesas. Nessa busca, o texto *(Re)ler Pêcheux hoje*, de Denise Maldidier (1990), esteve sempre latente, nos deu o percurso de Pêcheux e nos levou constantemente a pensar no diálogo entre Pêcheux e Foucault em torno do marxismo e do discurso. Assim, em certos momentos, Pêcheux tornou-se eixo para a nossa reflexão – eu, por exemplo, dediquei-me a buscar, nos seus textos, as referências a Foucault para tentar entender a história da indiferença, da recusa, da

aceitação. Acho que o GEADA caminhou nessa direção nos primeiros anos: na de tentar enxergar o lugar de Foucault na AD francesa, por meio da leitura cruzada entre esses dois grandes pensadores.

VS e PN: *O livro Pêcheux e Foucault: diálogos e duelos é um marco de proposição no Brasil dos Estudos discursivos foucaultianos. Quando de sua publicação, ele atraiu muitos leitores e algumas polêmicas. Hoje me parece incontornável considerar a centralidade de Foucault em análises do discurso. Concorda que Foucault oferece-nos os óculos de leitura?*

MRG: Para falar sobre esse meu livro, o momento em que veio à luz e a centralidade de Foucault na análise do discurso hoje, no Brasil, preciso, novamente, voltar a Michel de Certeau e à sua afirmação de que “escrever história é gerar um passado, circunscrevê-lo, organizar o material heterogêneo dos fatos para construir no presente uma razão”. Penso ser necessária a prudência constante de percebermos que sempre que falamos de um fato passado estamos executando operações que regulam a escrita da história. Por meio dessa regulação, pode parecer que a emergência de um trabalho, de um livro foi quase um gesto implacável da Razão. Não se trata disso, absolutamente. A pesquisa que aparece nesse meu livro, com seus brilhos e opacidades, foi gestada longamente, conforme já afirmei, desde o doutorado nos anos 1980 e sua concretização, em livro, apareceu só em 2004. O livro sistematiza as convergências (poucas) e divergências (muitas) entre as propostas de Pêcheux e Foucault para a análise de discursos. Ele coloca em diálogos (e duelos) as vozes de Althusser, Foucault e Pêcheux e me parece central, nesse livro, a visão dos "vértices assimétricos" desse triângulo. Ao mesmo tempo, convoca o trabalho de Jean-Jacques Courtine, por meio do qual Foucault foi incorporado em uma análise do discurso. No momento de sua publicação, o livro gerou polêmicas, principalmente porque ainda não era visível a forte relação de Foucault com o discurso. As polêmicas eram, especialmente, travadas com pesquisadores da AD pecheutiana que não aceitavam o fato de Michel Pêcheux ter transformado suas propostas ao longo do tempo e, afinal, ter-se aproximado das formulações de Michel Foucault. Eram pesquisadores que negavam a existência de "três épocas" nos trabalhos de Pêcheux, que o levaram a se afastar das formulações althusserianas e a aproximar-se da genealogia

foucaultiana. Essas questões, creio, foram superadas pela própria história do campo das teorias discursivas que, hoje tem várias partições, inclusive a dos *Estudos Discursivos Foucaultianos*. Eu enxergo, hoje, esse meu livro como uma síntese de leituras longamente gestadas e que, por isso, tem uma natureza fortemente didática. Acho, mesmo, que ele é um livro de pavimentação: ele aplainou o caminho para que muitos leitores se aproximassem de questões fincadas no coração da chamada "AD francesa" e que têm em Pêcheux e Foucault seus pilares. Eu gosto dessa ideia de um livro que pavimenta caminhos, que possibilita o percurso e encurta distâncias entre uma massa de saber e os leitores. Assim, se é correto afirmar que ele é um marco na proposição de uma análise de discurso foucaultiana, acho que é nesse sentido de ter colocado à disposição dos leitores um horizonte de possibilidades de ser fazer uma análise de discurso a partir da leitura de Foucault. E se hoje nos parece incontornável a centralidade de Foucault para os estudos discursivos, isso se deu em um segundo momento, numa nova construção que se estendeu por toda a primeira década dos anos 2000. E aí foi uma construção compartilhada entre os pesquisadores que participaram do GEADA e produziram seus trabalhos de tese em que a presença de Foucault se tornava cada vez mais proeminente. Com isso, foram explicitadas várias questões: a descrição arqueológica, as articulações do discurso com a História, as relações entre saberes e poderes na análise de objetos discursivos heterogêneos (o literário, o jurídico, o midiático etc.). E, além disso, após o doutorado, os pesquisadores do GEADA - que eram professores em universidades de vários lugares do Brasil - voltaram para suas instituições e criaram uma rede de outros grupos de pesquisa. Foram e são muitos esses grupos, instalados em praticamente todas as regiões brasileiras e que construíram com seus trabalhos o campo da análise de discurso com Michel Foucault. Pensando nessa rede de grupos de pesquisa é impossível, para mim, não me lembrar da metáfora da teia, no poema de João Cabral de Mello Neto, *Tecendo a manhã*: um galo sozinho não tece uma manhã, ela é tecida por muitos gritos de galos, até que a manhã, “desde uma teia tênue se vá tecendo, entre todos os galos.” Ademais, se hoje temos essa evidência de que Foucault nos oferece óculos de leitura é porque essa certeza é como a tessitura da manhã: ‘toldo de um tecido tão aéreo que, tecido, se eleva por si: luz balão’.

VS e PN: *Você acaba de nos falar sobre a constituição do Geada e a construção dos trabalhos de seus participantes. Os primeiros livros a trazerem artigos de integrantes do GEADA-UNESP - Filigranas do discurso (2000) e Discurso e mídia: a cultura do espetáculo (2003) - mostram o interesse do grupo por pesquisas que problematizam a mídia. O discurso da mídia em sua amplitude exigiu que você expandisse suas pesquisas sobre temas diversos, sempre considerando a emergência dos discursos em diferentes circunstâncias midiáticas. Discurso e mídia é um tema central que sempre se renova em teus trabalhos?*

MRG: O GEADA sempre foi constituído por pesquisadores voltados para a leitura de Foucault e suas problemáticas discursivas, mas cada um deles com formação e interesses heterogêneos. Em um primeiro momento, havia vários integrantes da área de estudos literários e, por isso, foram realizadas várias pesquisas sobre o discurso literário, mas o discurso político e a mídia sempre predominaram. Essa é uma singularidade em um grupo de pesquisas voltado para a leitura de Foucault, porque os principais trabalhos foucaultianos adotam a perspectiva histórica de *longa duração*, situando-se, num primeiro momento entre a Idade Média e a Modernidade e, nos trabalhos finais, na história da sexualidade, fazem um recuo até a Antiguidade greco-latina. Diferentemente, nossos trabalhos sempre focalizaram a história do presente, a curta duração histórica, talvez como sequela de nossa colonialidade... Afinal, o que há de mais atual do que a mídia ou o discurso político na mídia? Justamente, creio que a perspectiva do presente, da atualidade, da curta duração determinou que a mídia se tornasse um objeto privilegiado de nossas pesquisas. Observo que nessas duas primeiras coletâneas a que vocês se referem, a ideia de "cultura do espetáculo" se impõe e ela tem em sua raiz um texto de Jean-Jacques Courtine, traduzido no segundo livro, cujo título é *O deslizamento do espetáculo político*, essencial para entender as transformações do discurso político nas malhas das mídias contemporâneas. Além dos trabalhos publicados nesses dois livros, posso também me referir a algumas teses muito importantes sobre mídia e discurso político, como as que vocês dois desenvolveram: Vanice Sargentini analisando o discurso político em jornais anarquistas; Pedro Navarro investigando a construção da história do descobrimento do Brasil no discurso político da grande mídia nacional. Então, concordo que a mídia foi sempre um objeto privilegiado de investigações e que trouxe questões

abrangentes para nossas discussões: como se constrói a história na mídia? Como o discurso da mídia produz as *verdades* de um momento histórico? Como os discursos da mídia formatam as subjetividades em um momento histórico? Essas são questões seminais que acompanham nossos trabalhos sobre a mídia com a lente foucaultiana. Minhas pesquisas mais recentes se encaminharam para o funcionamento dos discursos nas mídias digitais, particularmente focalizando a WEB como uma imensa heterotopia que produz, constrói e desconstrói corpos em subjetividades e (in)visibilidades (GREGOLIN, 2015). Além desses temas, tem sido objeto de minha preocupação a problemática da batalha de discursos de verdade e sua consequência, as *fake news*, nos discursos políticos nas mídias digitais. Essa tem sido, para mim, uma forma de enfrentar o trágico momento político que vivemos desde a campanha presidencial de 2018, que elegeu um governo autoritário que tem um lastro profundo com a produção da violência verbal, da virulência discursiva e das *fake news*.

VS e PN: *Aproveitando essa discussão sobre o contexto político, social e cultural que se vem desenhando nos últimos três anos, a noção de crítica tem sido importante em seus trabalhos acadêmicos, tanto é que você se debruça sobre o sentido que Foucault atribui a essa noção, tendo como foco o impacto disso para a constituição da teoria e análise de discursos. Poderia nos dar alguns encaminhamentos no que tange à relação entre discurso, verdade e subjetividade?*

MRG: Michel Foucault nunca separou teoria e política, ao contrário, como leitor de Nietzsche, ele sempre repetiu que *o saber é feito para cortar*. Isso significa que ao adotarmos um ponto de vista teórico, estamos intervindo na história, intervindo na política. Por isso, eu falei, há pouco, que a leitura de Foucault e a reflexão sobre discurso, verdade e subjetividade são gestos de ética política e, portanto, maneira de confrontar o autoritarismo da política brasileira atual com atitude crítica. Como afirmou Foucault (2000), “a crítica é o movimento pelo qual o sujeito se dá o direito de interrogar a verdade sobre seus efeitos de poder e o poder sobre seus discursos de verdade.” É nessa direção que tenho tentado caminhar, analisando as *políticas da verdade* do nosso momento histórico a fim de desconstruir esses discursos autoritários que negam a história e se esforçam para reescrevê-la a partir de seus próprios interesses. Tenho me concentrado na

análise dos mecanismos discursivos que são mobilizados na produção desses discursos negacionistas, desses discursos mentirosos. Trata-se, para mim, de analisar, neste momento político do Brasil, o que Foucault chama de “política geral de verdade”, isto é: a) quais tipos de discurso são aceitos e funcionam como verdadeiros?; b) quais são os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros e os falsos e a maneira como se sancionam uns e outros? c) quais técnicas e procedimentos são valorizados para a obtenção da verdade? e d) qual é o estatuto daqueles que têm a função de dizer o que funciona como verdadeiro? Quando se vive sob um governo que quer fazer a sociedade retroceder em termos culturais, educacionais, civilizatórios, a leitura de Foucault sobre a produção e a circulação dos *discursos de verdade* é essencial pois são eles que comandam a produção das subjetividades. A atitude crítica proposta por Foucault problematiza o que ele mesmo denomina como “economia política da verdade”, estabelecida no nosso tempo presente. Tendo, portanto, tomado como tarefa filosófica inquirir a constituição das verdades no seu tempo, questionando suas condições de produção e seus objetivos, o que interessa a Foucault é o que somos e fazemos hoje, pois próxima ou longínqua, uma formação histórica só é analisada pela sua diferença conosco. Assim, sendo um pensador das diferenças, os estudos de Foucault têm o objetivo de diagnosticar sua própria atualidade por meio de uma questão profícua: "quem somos nós hoje?" As possíveis respostas a essa questão não devem levar ao diagnóstico do presente em si mesmo; é necessário, como diz Foucault, nos perguntarmos sobre quem somos para abrir a possibilidade de sermos outros, de sermos diferentes do que aquilo que nos tornamos. Trata-se, portanto, de construir, por meio da reflexão crítica, a atitude de inservidão, de indocilidade refletida.

VS e PN: *Em palestras ministradas recentemente, você faz um retorno à Ordem do Discurso, de Foucault, para lá resgatar uma importante noção, a de vontade de verdade aliada com a ideia de controle discursivo. Poderia nos falar um pouco sobre a produtividade dessa articulação para uma crítica do nosso cenário atual?*

MRG: Tenho retornado ao texto *A ordem do Discurso* para pensar como é possível, nas frestas do controle social, exercitarmos a indocilidade, a insubordinação, a desobediência. Nessa aula maravilhosa, Michel Foucault expõe os vários mecanismos

sociais de controle dos discursos, que ele divide em duas naturezas, a externa (interdição, separação e vontade de verdade) e a interna (autor, comentário, ritual da palavra, apropriação social etc.). Todos esses procedimentos de controle (que, como sabemos, rarefazem os discursos e os sujeitos, restringindo sua produção e circulação) estão submetidos à *vontade de verdade* de um certo momento histórico. Por isso, um discurso só é aceito em uma época quando segue a racionalidade, o modo de legitimar a separação entre o verdadeiro e o falso dessa mesma época. Um discurso só é aceito se acata o valor legitimado pela separação do verdadeiro e do falso, isto é, se diante do verdadeiro e do falso se posiciona de acordo com a vontade de verdade vigente em sua época. Assim, a *aceitabilidade* de um enunciado ou de um discurso não provém da relação de adequação entre aquilo que é dito e a realidade (noção de verdade enquanto adequação), nem tampouco da coerência interna do discurso (noção de verdade enquanto coerência). Para que um enunciado seja *aceito* em uma época, para que possa ser legitimamente dito, para que esteja no *verdadeiro*, precisa seguir certas regras ditadas por um corpo social, histórico e anônimo. Por isso, segundo Foucault, não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma ‘polícia’ discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos. Ao mesmo tempo, ao examinar os mecanismos sociais que controlam a produção e a circulação dos discursos, Foucault nos mostra que a vontade de verdade se apoia em uma base institucional, sendo ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por toda uma espessura de práticas como a pedagogia, o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas etc. Por isso, aponta Foucault, o modo mais profundo do exercício da vontade de verdade é a maneira como o saber é disposto numa sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e, de certa forma, atribuído. Inserida nessa perspectiva, tenho analisado, em artigos recentes, o dispositivo escolar como um potente regulador das vontades de verdade e dos mecanismos de controle (GREGOLIN, 2021). Focalizo, principalmente, o *dispositivo republicano*, acompanhando sua instalação no final do século XIX, suas práticas e políticas para a escrita e a leitura que repercutem o ideário da recém instalada República e promovem apagamentos das contradições históricas para produzir relatos hagiográficos de heróis e homens notáveis. Trata-se de discursos que negam a escravização de africanos e afro-brasileiros, apagam o extermínio de indígenas, criam o imaginário de um Brasil rural e harmonioso onde *mugem os bois à porfia...* Enfim, por meio da grandiloquência do discurso parnasiano, esses textos

escolares afastam de cena grande parcela da população brasileira. Mas isso não é apenas coisa do passado, é um projeto político que retorna sempre que um governo autoritário chega ao poder. Foi o que ocorreu na ditadura Vargas, na ditadura militar a partir de 1964 e está ocorrendo neste momento. Em plena pandemia, com a maioria das escolas públicas fechadas e as crianças fora da escola, o MEC lançou o programa de leitura chamado *Conta pra mim*, online, para a promoção do que chama "literacia familiar". Nas palavras dos proponentes, o público alvo é, principalmente, famílias em situação de vulnerabilidade econômica. Chega a ser cínica uma afirmação dessas porque a maioria das famílias em situação de vulnerabilidade não tem computadores e muito menos acesso à internet! Outro cinismo é o fato de chamarem de "literacia" e não de "letramento"; com essa escolha lexical apagam toda uma tradição de trabalhos que, desde a abertura política dos anos 1980, vêm discutindo a natureza sócio-histórica da apropriação do sistema da escrita, isto é, o *letramento*. Além disso, os textos e atividades propostas para leitura são, claramente, um retrocesso a aquela escola do final do século XIX. Os materiais de leitura apagam as contradições históricas, criam uma representação de "família" que remonta à velha República. Apenas um exemplo desse retrocesso: entre os gêneros textuais propostos para leitura figuram as *biografias*. Quem são os biografados? São sujeitos considerados notáveis: engenheiros, médicos... portanto, devemos perguntar: nesse programa do governo bolsonarista, quem são considerados sujeitos da história? Nenhum sujeito negro ou indígena, nenhum abolicionista, nenhum brasileiro pobre e não escolarizado, nenhum insurgente, nenhum desobediente. O que é pior: o negacionismo extrapola os muros do dispositivo escolar, espraia-se pelo discurso político quando, por exemplo, em seu discurso à ONU, em 2020, o presidente brasileiro atribuiu as queimadas na floresta amazônica ao "caboclo e o índio que queimam seus roçados para sua sobrevivência". Essa representação do "caboclo e o índio" retoma toda uma iconografia que atravessa as leituras escolares e que os apresenta como ingênuos, ignorantes, selvagens, atrasados etc. O recurso discursivo a essa iconografia da ignorância e da simplicidade (materializada ao longo da nossa história na figura do Jeca Tatu de Monteiro Lobato e em muitas telas que apresentam os jesuítas catequizando os índios selvagens) apaga os agentes das queimadas - grandes produtores rurais, grandes mineradoras com suas máquinas e motosserras modernas e possantes. Esse é apenas um exemplo que mostra a produtividade dessa articulação entre *controle discursivo* e *vontade de verdade* para a análise crítica de "quem

somos nós hoje”, isto é, como os discursos (escolares, das mídias, jurídicos etc.) controlam o que pode e deve ser dito; regulam o que deve ser preservado na memória coletiva e o que deve ser apagado; determinam o que deve permanecer e ser repetido continuamente e aquilo que deve ser calado para sempre; estabelecem como e quem tem direito à fala e à apropriação social dos discursos etc. Podemos pensar, por exemplo, no discurso político atual da extrema direita brasileira que nega a existência do racismo entre nós; ou, nesse mesmo discurso, a negação da existência de uma ditadura militar que torturou e matou centenas de adversários políticos. A questão central é, portanto, que por meio da crítica aos mecanismos de controle e à instalação de uma certa vontade de verdade, possamos, como sujeitos políticos nos insurgir, desobedecer, rasgar essas entranhas e expor suas vísceras com o instrumento da análise dos discursos de inspiração foucaultiana.

VS e PN: *A publicação dos cursos de M. Foucault traz um promissor e consistente material para os estudiosos do discurso. Na sua opinião o que temos ainda a explorar com os Cursos do Collège de France?*

MRG: Michel Foucault produziu uma vasta obra que, aos poucos veio sendo traduzida e publicada no Brasil, desde meados dos anos 1970 até hoje. Eu sempre enfatizo a vastidão dessa obra e a amplitude de seus estudos, em meus cursos e palestras, para dar a dimensão da impossibilidade de - em curto espaço de tempo - ler todos os textos de Foucault. Eu repito isso porque é muito comum encontrarmos pesquisadores (alguns muito jovens e outros nem tanto) que se orgulham de dizer "eu li Foucault" ou "eu conheço Foucault". São tantas e tão densas suas discussões que considero "ler Foucault" um projeto de vida, até porque em cada um dos momentos em que didaticamente dividimos sua obra ele estava voltado para determinadas questões bastante específicas. Claro que há uma organicidade nessa obra, pilares que nunca são abandonados, como a discussão sobre o sujeito, o discurso, o poder, a verdade etc. Mas há desenvolvimentos que são singulares no momento *arqueológico*, assim como os há na *genealogia do poder* e na *genealogia da ética*. Sempre há algo novo que se desprende de seus trabalhos e, às vezes, nosso olhar atento consegue enxergar e se apropriar dessa nova problemática. Por isso, ler Foucault é um exercício sempre desafiante: todos os livros e textos podem ser

relidos muitas vezes e sempre encontraremos algo inusitado que havia escapado ao nosso olhar. Recentemente, vivi a experiência de reler *A História da Loucura* e fiquei atônita diante da quantidade de detalhes que sempre haviam me escapado. Tendo relido recentemente, prestei muita atenção no “não prefácio”¹ que acompanha a obra a partir da sua segunda edição: trata-se de um ensaio sobre a leitura, a interpretação e os discursos. Vem-me à memória um trecho desse não prefácio em que Foucault (2004) questiona a atividade de leitura de um livro, a partir de sua publicação. Ele afirma: “Um livro é produzido, evento minúsculo, pequeno objeto manejável. A partir daí, é aprisionado num jogo contínuo de repetições [...] os comentários desdobram-no, outros discursos no qual enfim ele mesmo deve aparecer, confessar o que se recusou a dizer, libertar-se daquilo que ruidosamente fingia ser” (p. vii). Nessa fala de Foucault podemos ver o conflituoso jogo entre autoria e comentário de um texto, uma luta em torno de seus significados: afinal, onde está o sentido, no autor, no leitor, no texto? Essa parece ser uma discussão muito frutuosa para pensar nos mecanismos de controle delineados por Foucault em *A Ordem do Discurso*. Outro aspecto que eu quero enfatizar sobre a obra de Foucault é a recepção de seus textos no Brasil. Aponto, primeiro, a Coleção *Ditos & Escritos* traduzida, entre nós, em dez volumes temáticos até hoje (outros poderão vir a serem publicados ainda, já que a coleção em francês traz outros textos, ainda não traduzidos). Certamente, essa divisão em temas é muito importante, muito didática. Além disso, a leitura dessas entrevistas, palestras, artigos etc. é elucidativa sobre questões que Foucault trata de forma densa em seus livros. Muitas vezes, há conceitos sobre os quais ele trata apenas nesses textos marginais, como é o caso de “dispositivo”; outras vezes podemos ler textos em que Foucault repensa sua obra anterior e aponta para o que ainda está em desenvolvimento, numa espécie de genealogia da obra e da leitura. Além dessa coleção imensa que é a *Ditos & Escritos*, vocês mencionam os cursos ministrados no Collège de France desde 1970 até 1984, que já estão à disposição do leitor brasileiro. As temáticas desses cursos acompanham os desenvolvimentos que Foucault imprimiu às suas pesquisas e abrangem dois grandes temas que sempre se entrecruzam em suas pesquisas: uma história crítica da subjetividade e uma análise das formas de governamentalidade.

¹ No texto que acompanha o livro *História da Loucura* a partir de sua segunda edição (1972), Foucault afirma que não gostaria de substituir o Prefácio anterior, que motivou uma longa polêmica entre ele e Jacques Derrida nos anos 1960. Entretanto, ao final do texto, Foucault conclui: “Mas você escreveu um Prefácio!” e responde: “Pelo menos é curto.”

Quanto à história da subjetividade, ela foi focalizada, nos primeiros trabalhos de Foucault, a partir de dois movimentos: a) por meio da determinação dos modos de objetivação do sujeito em saberes, como os que dizem respeito ao trabalho, à linguagem e à vida (por exemplo em *As Palavras e as Coisas*) e b) por meio do estudo das separações operadas na sociedade em nome da loucura, da doença, da delinquência e seus efeitos sobre a constituição de um sujeito normal e racional (como, por exemplos em *História da Loucura* e *Vigiar e Punir*). Em suma, na história da subjetividade, Foucault (2003) realiza a crítica radical do sujeito humano pela história; pensa em um sujeito que não é dado *a priori* mas que se constitui no interior mesmo da história, que é a cada instante fundado e refundado pela história. Ao mesmo tempo, a temática da subjetividade se entrelaça com o estudo das formas de governamentalidade. Os primeiros cursos ministrados, de 1971 a 1976, tematizam problemáticas ligadas à genealogia do poder e, portanto, fazem a crítica às conceitualizações clássicas de poder, nas quais ele é pensado como um sistema unitário, organizado em torno de um centro que é, ao mesmo tempo, a sua fonte e que é levado por sua dinâmica interna a se estender sempre. Ao contrário, os cursos desenvolvem uma analítica do poder que propõe entendê-lo como um domínio de relações estratégicas, de técnicas e de procedimentos diversos para conduzir condutas. Por isso, nesse período, os cursos tratam de temas como as instituições penais, a sociedade punitiva, o poder psiquiátrico, os anormais etc. A partir de 1978, iniciam-se as discussões sobre o biopoder e a biopolítica que levam à reflexão sobre as relações entre o poder e a ética. Esse momento - entre 1978 e 1980 - é uma espécie de entreato para a genealogia da ética e nos cursos são discutidos dois grandes aspectos dos dispositivos de poder: a) os dispositivos da sexualidade não são apenas de tipo disciplinar; eles também se realizam por um biopoder, cujo objetivo é gerir a vida da população e b) a questão do Estado torna-se central para a genealogia, a partir do estudo da biopolítica, cujo objeto é a população, a economia é seu saber mais importante e seu mecanismo básico são os dispositivos de segurança. Os temas desses cursos são: segurança, território, população; o nascimento da biopolítica e o governo dos vivos. Nos últimos cursos ministrados, entre 1980 e 1984, Foucault traz questões essenciais de uma genealogia da ética que se ligam indeclinavelmente à história da sexualidade. No primeiro desses cursos, cujo tema é *Subjetividade e Verdade* (1981), Foucault anuncia novas questões das quais pretende ocupar-se nos próximos anos e a principal delas é: como “se governar” exercendo ações

onde se é o objetivo dessas ações, por meio de técnicas de si? Por *técnicas de si* Foucault (1997) entende “procedimentos que, sem dúvida, existem em toda civilização, pressupostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si.” (p. 109). Portanto, o conceito de “governamentalidade” vincula-se, a partir de então, ao “governo de si mesmo e dos outros” por meio da análise das *práticas de si* e essa articulação leva Foucault a construir uma genealogia da ética. No desenvolvimento dos quatro últimos cursos Foucault aprofunda elementos que estão sendo desenvolvidos na *História da Sexualidade* e seus temas envolvem as relações entre subjetividade e verdade, a hermenêutica do sujeito, o governo de si e dos outros e, finalmente, a coragem da verdade. Foucault (2016) pergunta: “que experiência o sujeito pode fazer de si mesmo, a partir do momento em que se vê na possibilidade ou na obrigação de reconhecer, a propósito de si mesmo, algo que passa por verdadeiro? Que relação o sujeito tem com si mesmo a partir do momento em que essa relação pode passar ou deve passar pela descoberta, prometida ou imposta, da verdade sobre si mesmo? A questão assim formulada é [...] uma questão fundamentalmente histórica.” (p. 11-12). Essas indagações são muito importantes para pensarmos as subjetividades contemporâneas e sua relação com as verdades deste momento histórico, por exemplo, na análise das políticas de gênero (a virilidade, por exemplo), das políticas do corpo etc. Poderíamos, a partir desses últimos cursos, fazer, talvez, uma história política das *verdicções*, isto é, do dizer *verdadeiro* sobre as subjetividades. Eu iniciei um trabalho sobre a "moda evangélica" para pensar algumas dessas questões (um corpo atravessado, ao mesmo tempo, por duas éticas paradoxais: o discurso religioso e o discurso profano da moda) - mas ainda é um projeto a ser mais bem formatado... Há muitas outras questões que derivam desses últimos cursos e que já vem sendo discutidas: o racismo de Estado, as práticas de liberdade, a parresia etc. Enfim, penso que a gente deve acatar o desejo que Foucault expressa no “não prefácio” de *História da Loucura* (2004), ao lermos seus livros: que eles não sejam lidos na condição de *textos* (produtos acabados de sentidos fechados) mas que sejam lidos como *discursos*, isto é, "simultaneamente batalha e arma, conjunturas e vestígios, encontro irregular e cena repetível” (FOUCAULT, 2004, p. viii).

VS e PN: *Para finalizar, duas questões que se entrelaçam: a arqueogenealogia vem se tornando uma discussão central nos estudos discursivos foucaultianos. Ela é uma metodologia e/ ou um modo de compreender a existência e emergência dos discursos? E, finalmente, uma indagação que pode parecer colateral, mas que tem muito sentido para nós neste momento: é possível ler Michel Foucault sem se apaixonar?*

MRG: Quero começar e depois finalizar com sua última pergunta – “é possível ler Foucault sem se apaixonar?” - pois ela envolve leitura e paixão. Tendo a pensar que é quase impossível saber qual será a experiência do leitor diante de um texto ou de um autor. Alguns acharão Foucault insuportável, afinal ele fala de coisas que para muitos são inaceitáveis: o louco, o anormal, o infame... Ele questiona nossas vontades de verdade, nos diz que somos históricos e que sofreremos dessa finitude histórica. Quer tema mais chocante, para os fascistas, do que a história da loucura e a história da sexualidade? A mudança, a instabilidade, a movimentação, para os autoritários, são abomináveis. Então, Foucault é detestável para os fascistas porque ele enuncia a mobilidade, a transitoriedade, a instabilidade de nossas subjetividades e de nossas verdades. Outro ponto execrável para o leitor autoritário é o fato de Foucault nos apontar insistentemente os mecanismos dos poderes e, ao mesmo tempo, incitar-nos à insubmissão por meio da recalcitrância do querer e da intransigência da liberdade. Ele nos diz, com muita veemência, que entre poder e resistência há sempre uma instigação e uma luta recíprocas, uma provocação permanente. A instigação à luta e à desobediência ao autoritarismo são sustentados por um pensamento *arqueogenealógico* como um método sem a rigidez formal tradicional, mas com muita eficiência para os combates. Por isso, fazer análise *arqueogenealógica* significa que nosso olhar investigativo se debruça sobre os discursos a fim de enxergar a trama das relações entre saberes, poderes e processos de subjetivação pela lente crítica da história. A arqueogenealogia - que pode ser pensada como um modo de compreender a existência e a emergência dos discursos - volta-se para a história com olhar crítico, a fim de torná-la *capaz de oposição e de luta*. Por meio da *arqueologia* podemos articular os discursos com os acontecimentos históricos, compreender as tramas que os tecem, o que recobrem, o que os faz concretizar ações e pensamentos de um momento histórico. Ao mesmo tempo, por meio da *genealogia*, não devemos deduzir o que nos é impossível fazer ou conhecer, mas ela nos faz perceber – na contingência do que somos - a possibilidade

de não mais ser, fazer ou pensar daquela maneira. Por isso, a crítica do tempo presente é uma provocação ao momento em que vivemos, um exercício de liberdade por meio de um trabalho infinito que envolve a necessária indocilidade reflexiva. A insubordinação ao que somos e fazemos exige, portanto, um uso indócil da história, um retorno a ela para criticar o presente. Volto então, à última pergunta: "é possível ler Foucault sem se apaixonar?" Eu respondo que, para nós leitores inquietos que acreditamos no respeito aos seres humanos e às diferenças, é impossível não nos apaixonarmos por um pensador que tomou como objeto de estudos o recluso, o degredado, o excluído, o apartado, o lado sombrio das instituições e suas técnicas divisoras. Mas, ao mesmo tempo, Foucault nos fala do *matinal*, da *aurora*, das *luzes*, da *memória*. Por isso, para nós, a leitura de Foucault é provocadora de uma radical inquietude; experimentamos com ele "momentos de graça, infrequentíssimos" (Adélia Prado); vivemos com ele a consistência da raridade, um misto de susto e alegria - isto é: felicidade.

Agradecimentos

PN é bolsista de Produtividade em Pesquisa – Nível 2, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Referências

COURTINE, J-J. **Análise do Discurso Político**. O discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EDUFSCAR, 2009.

FIORIN, J. L. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 1989.

FOUCAULT, M. Ceci n'est pas une pipe. **Cahiers du chemin**, n. 2, 1968.

FOUCAULT, M. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997.

FOUCAULT, M. O que é a crítica? Crítica e Aufklärung. *In*: BIROLI, F.; ALVAREZ, M. C. (Orgs.). **Michel Foucault: histórias e destinos de um pensamento**. Cadernos da Faculdade de Filosofia e Ciências, v. 9, n. 1. Marília: Unesp-Marília-Publicações, 2000.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2003.

FOUCAULT, M. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FOUCAULT, M. **Subjetividade e Verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

GREGOLIN, M. R. **Mistério e esterilidade**: O fantástico Murilo Rubião. 1983. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) - Universidade Estadual de Campinas, 1983. [cópia datilografada].

GREGOLIN, M. R. **As fadas tinham ideias**: estratégias discursivas e produção de sentidos. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1988. [cópia datilografada].

GREGOLIN, M. R. (Org.). **Filigranas do Discurso**: as vozes da História. São Paulo: Acadêmica, 2000.

GREGOLIN, M. R. (Org.). **Discurso e mídia**. A cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz Editora, 2003.

GREGOLIN, M. R. **Dos balanços e seus inumeráveis fios**: uma história do GEADA. 2014. Disponível em: <http://geadaararaquara.blogspot.com/2014/10/dos-balancos-e-seus-inumeraveis-fios.html>. Acesso em: 31 mar. 2022.

GREGOLIN, M. R. Discursos e imagens do corpo: heterotopias da (in)visibilidade na Web. In: FLORES, G.; NECKEL, N.; GALLO, S. (OrgS.). **Análise de discurso em rede**: cultura e mídia. 1. ed. Campinas: Pontes, 2015, v. 1, p. 213-232.

GREGOLIN, M. R. Oh bendito o que semeia livros, livros a mão cheia. Letramento, pandemia, exclusões sociais no Brasil. **Heterotópica**, v. 3, p. 64-89, 2021.

HARRIS, Z. Discourse analysis. **Language**, v. 28, n. 1, p. 1-30, 1952.

MALDIDIER, D. (Re)lire Michel Pêcheux aujourd'hui. In: PÊCHEUX, M. **L'inquietude du discours**. Textes choisis par D. Maldidier. Paris: Cendres, 1990.

PUECH, Christian. A emergência do paradigma semiótico-estrutural na França. In: SARGENTINI, V. et al. (Orgs.). **Discurso, semiologia e História**. São Carlos: Claraluz, 2011, p. 19-66.

Recebido em: 15 de abril de 2022

Aceito em: 15 maio de 2022

Publicado em agosto de 2022

Pedro Navarro
E-mail: navarro.pl@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3267-4985>

Vanice Sargentini
E-mail: sargentini@uol.com.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7760-3075>